

PARA UMA ABORDAGEM PSICOLÓGICA DA GLOSSOLALIA

Prof. Doutor José Brissos-Lino¹

RESUMO

Os aspectos transcendentais da condição humana ligados à religião e à espiritualidade têm vindo a assumir uma relevância crescente nas sociedades contemporâneas. O artigo ensaia uma abordagem psicológica ao fenómeno da Glossolalia, típico do pentecostalismo histórico, partindo da defesa da relevância na investigação académica na área da Psicologia da Religião. Procura também refletir sobre a questão das manifestações extáticas no campo religioso, assim como nos aspectos intrapsíquicos da Glossolalia, concluindo que a prática glossolálica desenvolvida em setting religioso tradicional, no universo cultural onde se enquadram os membros da comunidade de fé, não pode ser considerado dissociativo nem desviante.

PALAVRAS-CHAVE: êxtase, glossolalia, psicologia, religião, verbalização

ABSTRACT

The transcendental aspects of the human condition linked to religion and spirituality have become increasingly relevant in contemporary societies. The article dives on a psychological approach to the phenomenon of

¹ Doutor em Psicologia (Universidade Autónoma de Lisboa). Director do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona, Lisboa-Portugal. Coordenador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo. Investigador.

Glossolalia, typical of historical Pentecostalism. It starts by defending the relevance of academic research in the area of Psychology of Religion as well as seeking to reflect on the question of ecstatic manifestations in the religious field and the intrapsychic aspects of Glossolalia. It concludes that the glossolalia practice developed in a traditional religious setting in the cultural universe where members of the faith community belong cannot be considered dissociative nor deviant.

KEYWORDS: ecstasy, glossolalia, psychology, religion, verbalization

INTRODUÇÃO

Os aspectos transcendentais da condição humana ligados à religião e à espiritualidade têm vindo a assumir uma relevância crescente nas sociedades contemporâneas. Oliveira (2000) vai mesmo mais longe ao afirmar que “a religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana e uma das que distingue melhor os humanos dos animais” (p. 5). Nesse sentido esta área de investigação estará intimamente associada à humanidade dos indivíduos, pelo que podemos supor que, por esse facto, poderá trazer contributos inestimáveis à compreensão da pessoa humana, quer do ponto de vista ontológico, quer quanto ao seu posicionamento e funcionamento pessoal e em comunidade.

1. A relevância da investigação em Psicologia da Religião.

Não é possível compreender a história dos povos, as suas culturas e civilizações, sem prestar a devida atenção aos aspectos religiosos de cada um. Se a Ocidente prevalece a marca do cristianismo, seja católico ou protestante, já nas regiões árabes as populações organizam-se à volta de uma

estrutura sócio-política inspirada pelo Islão, no extremo- oriente predomina o budismo e outras filosofias ou ideologias de carácter religioso, assim como o panteísmo em certas regiões da África negra. Deste modo se compreende que as experiências e vivências religiosas se manifestam como fator distintivo entre diferentes grupos humanos, afetando crenças e comportamentos. Assim, os valores dos indivíduos em sociedade, as suas motivações, sonhos, experiências, desejos, comportamentos e sobretudo crenças, influenciam a sua forma de amar, de pensar, de viver e de se relacionar com os outros e o mundo, com os inevitáveis reflexos na política, na cultura e nas artes.

O interesse da psicologia, como ciência da personalidade ou do comportamento, na dimensão religiosa dos indivíduos e nos seus fenómenos pessoais e coletivos, está ligada à ideia de que a religião será capaz de conferir unidade e sentido ao ser humano desorganizado internamente, ou mesmo fragmentado, de o fazer ultrapassar o seu individualismo, quando inadequado, e de o ajudar a interagir com a comunidade, vivendo nela e para ela, proporcionando-lhe assim bem-estar, harmonia e realização pessoal e comunitária, constituindo portanto um facto positivo de ajustamento e integração (Oliveira, 2000).

No entanto, este interesse da psicologia na religião tem levantado dúvidas, tanto por parte dos autores mais preocupados com a cientificidade da psicologia, por receio de “contaminação”, como por parte dos fundamentalistas da religião, por receio de “deturpação” da realidade religiosa ou da sua dessacralização resultante de uma interpretação “laica”. Até pelo facto de todas as religiões abraâmicas – judaísmo, cristianismo e islamismo – serem religiões de revelação e do Livro, o que remete para o primado das escrituras sagradas na sistematização da fé.

Apesar de tudo, alguns teólogos e cientistas sociais mais interessados no contato entre psicologia e religião, de modo a melhor interpretar o comportamento humano e a vida, têm sugerido uma “metapsicologia” (Norager, 1996).

Jones (1994) defende igualmente que, apesar de os campos da religião e da ciência se moverem em planos diferentes não só é possível como desejável o estabelecimento de um diálogo articulado entre ambos. Tal como Sperry (1988), que apesar das tensões entre os dois campos, acredita em relações construtivas entre os mesmos. Ou Gorsuch (1988) que, apesar de registar dificuldades específicas na investigação em religião, e de referir ser difícil manter total neutralidade e objetividade, a defende, já que noutros campos do saber também existem alguns compromissos.

Os psicólogos começaram a interessar-se pela investigação na área da religião nos inícios do século XX, como foi o caso de W. James e S. Hall, além dos psicanalistas, já que é impossível ler Freud ou Jung sem deparar com obras ou capítulos dedicados a esta temática (Oliveira, 2000). Todavia, e devido às correntes behavioristas, centradas exclusivamente no comportamento exterior do indivíduo, tal interesse decresceu, no segundo quartel do século, tendo recuperado novamente em meados do mesmo, através de investigações mais empíricas do que teóricas, época em que surgiram revistas científicas dedicadas ao estudo empírico da religião, como “Journal for the Scientific Study of Religion – Journal of Religion and Health – Review of Religious Research. Mais recentemente surgiram International Journal for the Psychology of Religion – Journal of Psychology of Religion” (Oliveira, 2000, p. 9). Jones (2014) refere que existem hoje mais de um milhar de cursos de ciência e religião nas universidades americanas.

Oliveira (2000) refere que se verifica nos Estados Unidos muito maior fluidez em matéria de publicações na área de psicologia da religião, por comparação com a “velha” Europa, ainda marcada por complexos históricos de tipo jacobino e laico, em particular nos países do Sul, onde a religião ainda é remetida para a sacristia, olhada com alguma suspeição e onde os psicólogos se sentem pouco livres para a sua abordagem. Pensamos, contudo, que a evolução e tendencial multiculturalidade das sociedades, como é o caso da portuguesa, a globalização e o incremento notório das tecnologias de comunicação e informação levarão, a Europa e também Portugal, inevitavelmente, a um desenvolvimento e aprofundamento desta área de investigação.

Observemos agora o fenómeno glossolálico, do ponto de vista psicológico, em especial no que respeita às suas interpretações de carácter extático e aos aspectos intrapsíquicos na vida dos falantes.

2. A questão do êxtase.

Regra geral, a definição de alguns termos linguísticos aplicados aos carismas e ao fenómeno glossolálico não é rigorosa. Ao utilizar o mesmo termo relativamente a objetos distintos, ideias ou coisas, podem-se originar equívocos e incompreensões. É o caso da palavra “êxtase”. O termo é habitualmente aplicado à designação de estados, atitudes e comportamentos instáveis, que mudam e evoluem constantemente, às situações de agitação corporal brusca ou violenta, a cânticos, danças, frenesi controlado ou não pelo indivíduo, inspiração, arrebatamentos inefáveis, visões e alucinações. Tais manifestações emocionais nos seres humanos, com exuberância de sentimentos ou expressões foram denominados genericamente como êxtase. Todavia, a etimologia do termo reporta mais propriamente ao indivíduo que

está fora de si, sem articulação com os seus sentidos, sendo normalmente aplicada a um estado de exaltação ou alegria.

Wilson (1993) defende que os estudiosos têm sido pouco rigorosos na utilização do termo “êxtase”. E apesar de este termo permanecer indefinido nos seus trabalhos, parece haver consenso geral em compreendê-lo como o canal pelo qual a comunicação divino-humana funciona. Segundo Wilson (1993), na literatura das ciências antropológicas raramente se aplica o termo êxtase, ao falar de intermediários divino- humanos, e mesmo quando é empregue normalmente é utilizado no sentido de uma forma de transe religioso, sendo que este último termo – transe – constitui a designação aplicada por antropólogos e psicólogos para descrever um “estado fisiológico e psicológico tipicamente marcado pela sensibilidade reduzida ao estímulo, perda ou alteração do conhecimento do que está a acontecer e substituição da atividade voluntária pela automática.” (p. 277). Mais precisamente, o termo entre os antropólogos refere-se ao tipo de comportamento e não ao processo pelo qual acontece a comunicação entre o universo humano e o divino.

Lindblom (1980) utiliza o termo êxtase quando o indivíduo está sob uma inspiração tão forte que a pessoa inspirada perde o auto-controle por completo e o fluxo da atividade mental é interrompido. Nesse caso algumas faculdades mentais comuns e por vezes até as forças físicas ficam inativas. O autor relata diferentes graus e tipos de êxtase e de experiência revelatória, apontando assim para uma tipificação de estados alterados de consciência, que vai muito para além da alternativa simplista entre extático e não-extático. Segundo Grudem (2000), que fornece um contributo importante nesta matéria, o simples facto de alguém profetizar em estado de alguma excitação, ou falar debaixo de emoção forte, ou revelar um alto nível de

concentração ou consciência do sentido das palavras que profere, ou ainda que tenha uma percepção forte da presença e do trabalho de Deus na sua mente, não configura um estado suficientemente fora da normalidade que requeira o uso do termo êxtase. Goodman (1996), ao considerar a condição do glossolalista, adverte ser necessário proceder a uma conceituação e exploração sistemática da atividade mental, para se alcançar uma definição adequada dos termos a utilizar, sendo certo que, sempre que alguém abandona a consciência da realidade na qual se insere, ela estará num estado mental alterado. Portanto, o estado do glossolalista, na sua concepção, é um estado alterado de consciência, “una alteración de la conciencia denominada trance religioso o éxtasis”. (p. 103).

Lewis (1986), por sua vez, assinala que o êxtase religioso sempre exerceu uma forte atração, tanto no seio do cristianismo como nas suas margens, apesar de toda a influência e por vezes mesmo desagrado das autoridades eclesiásticas estabelecidas. Do ponto de vista sociológico, o autor classifica o fenómeno do êxtase como “o mais decisivo e profundo de todos os dramas religiosos”. Em sua opinião, “a tomada do homem pela divindade é um facto de alguma forma encorajado em todas as religiões, variando conforme as condições sociais particulares” (p. 28). O autor classifica os cultos de possessão em centrais ou periféricos. Os cultos centrais “tendem a fortalecer e legitimar por meio do êxtase a autoridade dos líderes religiosos que anseiam pelo poder e estabelecer a moralidade pública. Os cultos periféricos, ao contrário, não desempenham nenhum papel na sustentação do código moral das sociedades” (p. 32). Nesses cultos, os espíritos tendem a possuir preferencialmente o elemento feminino, que ocupa, em certo sentido, uma posição periférica na sociedade, funcionando, assim, como auxílio aos fracos e oprimidos que, de outra forma, contam com

poucos meios efetivos para atender aos seus interesses e reivindicações que requerem atenção e resposta.

Ao discorrer sobre possessão pela divindade, Lewis (1986) distingue a possessão periférica da possessão central, afirmando que o xamã, no início da carreira, possui pelo menos um espírito que o permite controlar outros espíritos, ou ter conhecimento dos mesmos. O apóstolo Paulo afirma nos seus escritos ser possuído por um único espírito: o Espírito Santo. E quando se refere à possibilidade da existência de um espírito diferente, enviado por um diferente evangelho (II Coríntios 11:14), só pode estar a fazer ironia. Wilson (1993), utiliza duas classificações para os xamãs no estudo das religiões: intermediário central e intermediário periférico, sendo que o primeiro cumpre a sua função no culto central, é considerado oficial e em ligação com o mundo sobrenatural, ao contrário da segunda. Todavia ambas as categorias exibem padrões estereotípicos de verbalização e de comportamento, pelo que se depreende que tais padrões poderão ser culturalmente aprendidos. A mediação periférica persegue vários objetivos. Segundo o autor, pretende antes de mais obter um estatuto social, depois promover mudança social, e finalmente, manter a estabilidade social. Os intermediários centrais são responsáveis por manter a ordem social e promover o bem-estar da comunidade.

Segundo Lewis (1986) os cultos periféricos situam-se muito próximo das religiões moralistas e centralizadoras que emergem em circunstâncias de profundo deslaçamento social e que frequentemente recorrem à prática da possessão como experiência religiosa suprema. Deste modo a possessão pela divindade torna-se um objetivo concreto e os membros são abertamente encorajados a alcançar a comunhão extática, constituindo ainda a forma de

competir pelo poder e autoridade, por parte daqueles que aspiram a uma posição de liderança religiosa (p. 30).

Podemos então questionar até que ponto a preferência pelo êxtase, no caso do carisma glossolálico, não revelaria, dentro da comunidade cristã de Corinto, a disputa interna por posição social, entre grupos (I Coríntios 1:11-12). Deste modo será razoável supor que os carismas seriam disputados entre membros do próprio grupo periférico, com vista ao acesso a uma eventual posição de poder, ou pelo menos de relevância perante a comunidade dos fiéis.

3. Aspectos intrapsíquicos da Glossolalia.

A Glossolalia é apenas um dos muitos impulsos motores das funções cognitivas e perceptuais que podem ocorrer em estados de peculiaridade, ou seja, em comportamentos que parecem estar fora das expectativas quotidianas da sociedade. Em psiquiatria e antropologia esses estados foram resumidos de forma coletiva, utilizando termos como “transe” ou “estado de posseção.”

Bourguignon (1973) diz que, na tentativa de explicar estes fenómenos em termos psicológicos, têm sido avançadas uma variedade de hipóteses, como hipnose, histeria, dissociação não-patológica, aprendizagem cultural, aprendizagem social, histrionismo, e epilepsia, “mas essas categorias explicativas são elas próprias, em geral, mal entendidas e o argumento tende a centrar-se na questão de saber se estes estados são considerados patológicos.” (p. 8). Porém, o psiquiatra Davidson (1965), conclui a sua investigação transcultural aos estados de transe advertindo que a psiquiatria deve ter cautela na interpretação de comportamentos tradicionalmente fora do âmbito das investigações psiquiátricas, de modo a não atribuir

significados a esses comportamentos apenas em termos dos preconceitos culturais próprios.

Ludwig (1966), na sua revisão sobre estados alterados de consciência, chamou a atenção para esses fenômenos como sendo realidades relativamente desconhecidas da atividade mental, cuja natureza e função nem sempre têm sido sistematicamente exploradas nem adequadamente conceptualizadas (p. 226). O autor define os estados alterados de consciência como quaisquer estados mentais, induzidos por várias manobras ou agentes fisiológicos, psicológicos ou farmacológicos, que podem ser reconhecidos subjetivamente pelo próprio indivíduo (ou por um observador objetivo do indivíduo) como representando um desvio suficiente na experiência subjetiva ou no funcionamento psicológico de certas normas gerais para o indivíduo, durante a vigília, despertando sensações internas ou processos mentais, mudanças nas características formais do pensamento, e imparidade de testes de realidade em vários graus (Ludwig, 1966, p. 227). No seu entender os estados alterados de consciência podem ser produzidos por uma ampla variedade de agentes ou manobras que interferem com o fluxo normal de estímulos sensoriais ou proprioceptivos, a saída normal de impulsos motores, o tom emocional normal, ou o fluxo normal e organização de processos cognitivos, sendo eles a expressão final de caminhos comuns para muitas formas diferentes de expressão e experiência humana, tanto de adaptação como de inadaptção.

Pattison (1968) elabora uma série de conclusões sobre o estudo do fenômeno glossolálico, a saber:

1 - A Glossolalia é um fenômeno antigo e generalizado da maioria das sociedades, ocorrendo mais habitualmente em contextos religiosos. O

fenômeno revela persistência histórica e transversalidades de diversa natureza.

2- Pode ocorrer em função de uma grande síndrome de estados dissociativos, ou pode ocorrer como parte de um comportamento culturalmente adequado. Como é o caso das comunidades de fé de tradição e cultura pentecostal ou carismática, entre outras, considerando a segunda hipótese.

3- A Glossolalia não está relacionada de todo com variáveis específicas de personalidade. Não será necessariamente resultante de qualquer perturbação de personalidade, estado dissociativo ou inadaptação.

4 - A Glossolalia pode configurar um comportamento psicopatológico desviante ou um comportamento normal, esperado, dependendo do contexto sociocultural. Ou seja, o fenômeno glossolálico não deve ser analisado e catalogado à revelia do contexto sócio- cultural e também espiritual-religioso em que ocorre.

5- A prática glossolálica é uma forma de discurso parcialmente desenvolvido em que o aparelho de pensamento-discurso da pessoa é empregue para uma variedade de funções intrapsíquicas.

6- A Glossolalia pode acompanhar a regressão psicopatológica, ou pode ser uma forma de regressão saudável ao serviço do self, conduzindo a modos mais criativos de vida. Ou seja, tanto pode configurar dificuldades psicológicas como uma estratégia positiva e saudável de desenvolvimento do indivíduo.

Maliska (2008) avança igualmente também algumas conclusões:

1- A Glossolalia, enquanto verbalização, é “um dizer para nada comunicar, uma enunciação sem enunciado, que está fora do padrão linguístico; mas que, ao mesmo tempo, permite que uma língua seja falada.” (p. 2-3).

2- Não se tratando propriamente de uma língua, a Glossolalia é uma condição para que haja línguas. Ela é a riqueza do dizer pelo simples dizer, é o ato enunciativo que não traz um enunciado nem performativo, nem constativo, é uma pura enunciação. As glossolalias são palavras sem memórias, pelo facto de não representarem qualquer vinculação com a etimologia, a semântica ou a raiz. “São sem memória porque elas não possuem passado, não cumprem com o destino de toda língua que, de acordo com Saussure (1984), é de ser um passado que se atualiza em cada ato de fala.” (p. 4).

3- A tentação de encontrar um sentido no discurso glossolálico, como se tivesse necessariamente um sentido escondido nalguma parte ainda por descobrir, reflete a nossa dificuldade em lidar com enunciações desprovidas de sentido ou formas disponíveis de interpretação. Segundo Certeau (1980), a história da Glossolalia não passa de “um esforço para conduzir esta delinquência vocal a uma ordem de significados.” (p. 6).

4- A Glossolalia “é de fundamental importância para a existência das línguas.” (p. 6). Certeau afirma sobre o fenômeno que, excluindo todas as línguas, ele é “o dizer de cada língua, ou sem o qual nenhuma língua é falada. Ele tem valor metalinguístico em relação à enunciação. Ele isola o dizer de todo dizer. Neste espaço teórico de tipo vocal, o dizer pode-se dizer ele mesmo” (Certeau, 1980, citado por Maliska, 2008, p. 6).

5- O discurso glossolálico pode ainda ser considerado como uma pré-linguagem, uma espécie de balbúcio que posteriormente se manifesta no sujeito “como um resto vocal daquilo que permaneceu nele, desse momento mítico que antecede a linguagem. Um resto que retorna na voz, não como um resquício, mas como aquilo que caracteriza a própria voz, o resto como aquilo que permanece” (Certeau, 1980, citado por Maliska, p. 6-7).

CONCLUSÃO

Assim, o fenômeno da Glossolalia nas comunidades de fé de tradição pentecostal, só por si, não pode ser interpretado necessariamente como desviante ou patológico, uma vez que o seu significado é determinado e deve ser interpretado tendo em conta o contexto sócio-cultural. Trata-se dum comportamento aprendido, enquadrado pela comunidade dos fiéis e inspirado por uma doutrina bíblica, por uma teologia específica e por uma tradição espiritual e religiosa. O discurso glossolálico do falante será reconhecido pelo grupo como enquadrado no setting religioso tradicional, no universo cultural onde se enquadram os membros do grupo e onde esse mesmo grupo se posiciona no domínio das crenças e da práxis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURGUIGNON, Erika (1973). *Religion, Altered States of Consciousness, and Social Change*. Columbus: Ohio State University, 7-8.

Bíblia. Português. *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Edição Revista e Atualizada no Brasil.

CERTEAU, Michel de (1980). *Utopies vocales: glossolalies*. *Revue Traverses*, 20 (la voix, l'écoute). Paris, Nov., 26-37.

- DAVIDSON, W. D. (1965). Psychiatric Significance of Trance Cults. Proceedings of the 121st annual mtg. American Psychiatry Association.
- GOODMAN, Felicitas Daniels (1996). Las Múltiples Caras de las Posesiones. *Alteridades*, (6) 12, Iztapalapa: Universidad Autónoma Metropolitana, México, 101-116.
- GORSUCH, R. L. (1988). Psychology of religion. *Annual Review of Psychology*, 39.
- GRUDEM, Wayne (2000). *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today*. Crossway Books, second edition, 190, 210.
- LEWIS, Ioan (1986) *Religion in Context. Cults and Charisma*. Cambridge University Press, 28.
- LUDWIG, Arnold (1966). Altered States of Consciousness. *Arch. Gen. Psychiat.*, 15, 225- 234.
- JONES, Steve (2014). *A Promessa da serpente*. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores.
- JONES, Stanton (1994). A constructive relationship for religion with the science and profession of psychologist: (Perhaps the boldest model yet). *American Psychologist*, 49 (3).
- LINDBLOM, Johannes (1980). *Prophecy in Ancient Israel*. Philadelphia: Fortress Press, 35.
- MALISKA, Maurício Eugênio (2008). Polifonia e Polirritmia Vocal: a glossolalia na constituição subjetiva. *Anais do CELSUL*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1-8.
- NORAGER, Troels (1996). Metapsychology and discourse: A note on some neglected issues in the psychology of religion. *International Journal for the Psychology of Religion*, 6 (3), 139-149.
- PATTISON, E. M. (1968). Behavioral Science Research on the Nature of Glossolalia. *Science in Christian Perspective*, September, n. 20, 73-86. Retrieved from file:///C:/Users/User/Desktop/Doutoramento/Artigos%20Glossolalia/Science%20in%20Christian%20Perspective.htm.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1984). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 9.
- SPERRY, Roger Wolcott (1988). Psychology's mentalist paradigm and the religion/science tension. *American Psychologist*, 43 (8), 607-613.
- OLIVEIRA, José H. Barros de (2000). *Psicologia da Religião*. Coimbra: Ed. Almedina, 40, 132, 139, 141-142.
- WILSON, Robert (1993). *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. São Paulo: Ed. Paulinas, 277.